



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11984 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

**ANDARILHANDO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO, DESENHANDO CAMINHOS DE FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE**

Laís Vilela Gomes - UFF - Universidade Federal Fluminense

**ANDARILHANDO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO, DESENHANDO CAMINHOS DE FORMAÇÃO ESTÉTICA DOCENTE**

Caminhar pela periferia e observar a paisagem, é ser provocada por seus modos de se constituir, tão singulares. Sentir as vibrações dos diferentes sons produzidos pela cidade, ver suas cores, tatear suas texturas, reparar os contrastes e a desigualdade que São Paulo anuncia a cada esquina. Caminhar, olhar as pessoas e seus semblantes, pensar nas memórias que carregam e que podem nos conectar, provoca-me o movimento de compreender que é coletivamente que a (re)existência na periferia se faz. Deste ponto, então, (re)conheço-me nesse território que compõe minha identidade e docência na Educação Infantil, “lugar do exercício da vida”, como diz Milton Santos (2011). Em suas palavras:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 2011, p.8).

Nas minhas andanças, transitando entre os extremos da cidade, eu via o caos e a beleza que me atraíam, provocavam e mobilizavam. Ser do território, caminhar, olhar, capturar suas nuances, povoaram minhas inquietações acerca da relação existente entre a prática docente na Educação Infantil e o território periférico. Desta posição, situada, a pesquisa de mestrado, em andamento, se constitui com o objetivo de inventariar experiências estéticas vividas por professoras de Educação Infantil no território educativo-cultural da

periferia de São Paulo, reconhecendo elementos para um projeto de formação docente.

Há que se considerar a distância geográfica das escolas na periferia de São Paulo para a região central, o que dificulta o acesso a museus, espaços culturais, teatros e exposições de arte, além da corriqueira falta de recursos para o transporte até lá. Apesar de não haver maior investimento na garantia do acesso aos equipamentos culturais do centro urbano, no extremo da zona leste paulistana, arte e cultura também se fazem presentes e pulsantes. Enquanto me desloco pelos cantos, ruas e avenidas da periferia, identifico a presença de elementos artísticos-culturais significativos, mas nem sempre visibilizados pela população em geral e pelos professores, em particular.

Diante do exposto, algumas questões se apresentam para orientar a pesquisa: O que acontece quando educadores das infâncias ocupam o Território Educativo Cultural? Como se constitui o Território Educativo Cultural no contexto da periferia de São Paulo? Como a dimensão-formação estética revela-se na arte de caminhar pelo território?

(Re)existir pela arte, na periferia, na formação docente, é tecer uma relação íntima nas interações, partilhas de saberes, com os sentidos, na experiência do ser e estar com o outro. É deixar-se provocar pelas experiências, sensibilizando o olhar para as belezas cotidianas, afetando os sentidos, no encontro entre Educação, Arte e Cultura, provocando estesia. Entregar-se à experiência estética, é também “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, (...) cultivar a atenção e a delicadeza.” (LARROSA, 2002, p.5).

Ultrapassar os muros da escola, ampliar os olhares para o território, as pessoas que nele habitam e o constituem: é nesta direção que sigo confiando a pesquisa, no encontro com as professoras. Paulo Freire (1996) me inspira a tecer uma metodologia andarilha, que vai se fazendo no caminhar e no diálogo, como temos feito no círculo de pesquisa ao qual pertencemos: no encontro com professores e professoras, a partir das narrativas autobiográficas como oportunidades de pesquisa-formação (BRAGANÇA; SANTANA, 2020). Com os aportes da pesquisa autobiográfica (JOSSO, 2007), busca-se maior aproximação e valorização das singularidades dos sujeitos envolvidos, entrelaçando suas linhas em uma composição com muitas formas, cores e texturas investigativas.

As participantes da pesquisa, professoras de educação infantil da zona leste paulistana, foram convidadas via *Google forms*, para encontros-conversas, em diálogo com a cidade. No primeiro encontro, privilegia-se um equipamento cultural do território, para ser (re)descoberto a partir de suas provocações estéticas. Na intencionalidade do encontro, o espaço em si provoca olhares, sentidos e chama a atitude de reparar as minúcias e insignificâncias que ali estão (re)existindo, nas brechas. A partir de então, a pesquisa segue no caminhar junto com as professoras, andarilhar com elas, pisando o chão do território periférico no extremo leste de São Paulo e registrando, por meio de fotografias, as belezas que capturam o olhar, as

(re)existências que afloram os sentidos, as marcas que contam histórias e reverberam nos corpos e memórias docentes, projetando-se como possibilidades de reinvenção – de si, da prática docente, da educação infantil.

Na pesquisa, percebo que são os caminhos que nos escolhem: ao darmos o primeiro passo em direção a lugares por vezes já conhecidos, transitados, já habituados em nossas “vistas cansadas” (RESENDE, 1992), o convite para partilhar olhares-registros e alinhar narrativas favorece a rememoração de histórias, vividas naquele lugar ou em lugares que se relacionam a ele. Os lugares falam aos seus habitantes, desde que se ponham a ouvi-los. Reconhecer essas histórias, consideradas decisivas na trajetória de formação das participantes da pesquisa, possibilita a tomada de consciência e o conhecimento de si, como indica Josso (2007).

Estabelecer relação com o território em que a escola está inserida, conhecendo as histórias que constituem a identidade desse local, articulando parcerias com os equipamentos culturais, caminhando com olhos livres, a partir de uma sensibilização do olhar das educadoras e educadores, potencializa os sentidos para uma ocupação da cidade também nas extremidades, como “um olhar que dá atenção ao mundo” (OSTETTO, 2019).

A escola é o espaço das relações, condição para a (re)existência, ou seja, existências conectadas e compartilhadas em que só existo com outros, me constituo e me (re)faço na partilha, nos (re)encontros. Há que se trilhar caminhos possíveis na construção de uma escola em que a formação docente seja continuada, estética, ética, política e poeticamente.

## Referências

BRAGANÇA, I. F. de S.; SANTANA, R. L. de J. (Org). **Memoriais, pesquisaformação, e outros modos de escrita acadêmica**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra. São Paulo, 1996.

JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre, ano XXX, n.3 (63), p. 413-438, set/dez. 2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf)

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira da Educação**. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>

OSTETTO, L. E. Com o pensamento do coração, entrelaçando docência e formação estética. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v.14, n.1, p.57-76 jan./abr. 2019.

RIBEIRO, T.; SANCHES, C.; DE SOUZA, R. Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências... **Roteiro**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 135–154, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9271. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271>

SANTOS, M. BECKER, B. (org.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

RESENDE, O. L. **Vista Cansada**. Texto publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, edição de 23 de fevereiro de 1992.